

CORPO - MÍDIA: COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA EM AÇÕES DE GÊNERO

***Body media: Alternative communication in
gender actions***

Tatiane Bispo Homem | Sara Feitosa

E-mail: tatianebispohomem@gmail.com | sarafeitosa@unipampa.edu.br

UBI | Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, Brasil

Resumo

As constantes manifestações veiculadas pela mídia em que mulheres saem às ruas com pouca e/ou nenhuma roupa, defendendo uma causa política, possibilitaram a realização de um trabalho cujo objetivo é descrever o porquê as manifestantes utilizam o corpo como estratégia de protesto. O objeto de estudo é composto por um movimento: *Marcha das Vadias* e duas ativistas independentes. O *corpus* de análise resulta em três entrevistas. A metodologia adotada integra a revisão bibliográfica, pesquisa de campo, documental e descritiva. Como base teórica, empregou-se os estudos de corpo e poder por Michel Foucault a fim de descrever esse tipo de recurso utilizado em atos de gênero. A partir do estudo realizado foi possível apreender as principais características das causas defendidas pelas feministas, além de identificar que o corpo, nessas atuações, exerce a função de mídia alternativa.

Palavras-chave: Corpo; Nudez; Feminismo; Novos Movimentos Sociais; Mídia.

Abstract

The constant expressions conveyed by the media in which women take to the streets with little and / or no clothing, defending a political cause, made it possible to conduct a study aimed at identifying why the protesters use the body as a protest strategy. The object of study consists of one movement: *March of Bitches* and two independent activists. The corpus of analysis results in four interviews. The methodology consists of a literature review, field research and documentary. As a theoretical basis, studies by Michel Foucault. From the study it was possible to grasp the main features of the causes defended by feminists, and identify the body, these performances, plays alternative media function.

Keywords: Body; Nude; Feminism; New Social Movements; Media.

1. Introdução

As motivações para realização dessa pesquisa vieram da vontade de entender o mundo e as constantes pressões exercidas sobre a mulher e, principalmente, sobre seu corpo. A indústria da moda, do sexo, da estética, empresa privada e o governo usam a imagem da mulher para vender todos os produtos e, mesmo que involuntariamente, criam um estereótipo de que o sexo feminino tem de se encaixar em uma série de padrões predeterminados, como ser magra. A normatização do corpo, criada tanto pela medicina, que defende que uma pessoa gorda representa, ao menos potencialmente, um problema de saúde, quanto pela publicidade, que lembra insistentemente que se deve ter um corpo considerado “perfeito”, influencia diretamente nas relações humanas.

As recentes manifestações por parte do público feminino veiculadas pela mídia mostram-se como um interessante ponto de partida para um estudo científico. Compostas, em sua maioria, por mulheres com roupas consideradas provocantes – como blusinhas transparentes, *lingeries*, ou mesmo sem nenhuma peça de roupa – o caráter dessas reivindicações destoam um pouco das já realizadas por grupos feministas, no passado. No contexto histórico mundial, manifestações sempre existiram, bem como a utilização de cartazes, distribuição de panfletos e gritos que escancaravam as demandas em pauta. No entanto, sair à rua totalmente nua, mostrando as imperfeições, como forma de chamar atenção para algo, é uma iniciativa nova. As manifestantes que integram estes recentes movimentos utilizam desses recursos, vistos, muitas vezes, como apelativos, como forma de tentar mudar paradigmas atrelados a um público que está saturado e cansado de viver sob padrões que a sociedade impõe.

O presente trabalho tem como ponto de partida as manifestações de grupos como *Marcha das Vadias*, e de duas ativistas independentes, bem como entrevista com essas representantes. Pretende-se, assim, responder com a investigação a seguinte questão: a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto?

O objetivo do trabalho é descrever o corpo como uma forma de expressão nessas manifestações autointituladas feministas, ou seja, o que as mulheres querem expressar utilizando esse recurso e o porquê dessa estratégia. Para realizá-lo, foram mapeadas as técnicas de manifestações que fazem uso do corpo, apresentados os movimentos autointitulados feministas que recorrem ao corpo como mídia de protesto e como elas enxergam esse artifício.

2. Metodologia

Este estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa que se utilizou de variados procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica; pesquisa de campo; pesquisa documental e descrição das estratégias dos movimentos/ações investigadas, respectivamente.

Comumente à leitura, anotações foram feitas gradativamente, assim, aos poucos, começaram a emergir os contornos das primeiras unidades de registro. O passo seguinte foi entrevistar feministas que atuam de diferentes formas. Depois disso, através das interpretações da pesquisadora obtidas ao longo da investigação, por meio dos referenciais bibliográficos, foi possível responder à pergunta “a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto?”. Sendo assim, justifica-se a importância deste trabalho de observar as características dos movimentos/ações que utilizam o corpo como mídia de protesto, por meio de fotografias, vídeos e notícias disponibilizadas nos meios de comunicação tradicional, além de publicações nas redes sociais digitais.

2.1 Ampliando a compreensão

Com o intuito de aprofundar e explorar os conhecimentos acerca das práticas das ações estudadas, foram realizadas entrevistas, entre outubro e dezembro de 2014, com três membros de diferentes ações/manifestações. Por não ter sido encontrada uma fundamentação teórica que abarque o corpo como instrumento de mídia alternativa em ações de gênero, foi necessária realizar as entrevistas a fim de entender o porquê de elas escolherem manifestar-se dessa forma. Ao entrevistá-las, foi possível identificar os ideais que defendem, bem como suas motivações de realizarem ações de gênero. Devido à distância, duas entrevistas foram feitas por áudio do *what's app* (com a jornalista Nana Queiroz e a professora Daiara Figueroa) e a outra por telefone (com a estudante de jornalismo Luciele Oliveira). No primeiro momento, foi aplicado o roteiro de perguntas por e-mail como forma de teste, mas não foi possível utilizá-las neste trabalho, pois as respostas ficaram limitadas. Constatou-se, assim, que por áudio a entrevista poderia resultar mais proveitosa para a investigação. O roteiro de perguntas (Apêndice I) foi o mesmo para todas, e estava aberto a alterações, caso fosse necessário. Dessa forma, a entrevistada teve a oportunidade de pensar e se expressar livremente sobre o assunto em questão. A escolha das entrevistadas teve como critério principal ativistas que possuíssem características distintas umas das outras nas formas de atuação e que já tivessem realizado protestos nuas e/ou com pouca roupa. Outra prioridade levada em consideração é que fossem

mulheres que tivessem participado das manifestações desde a primeira edição (como no caso da representante da *Marcha das Vadias*), pois, desta forma, teria mais propriedade ao falar em nome do coletivo. O objetivo final foi fornecer anotações plausíveis para o estudo da questão-problema. O resultado das entrevistas está exposto ao longo do texto, mais especificamente nos capítulos 4 e 5, e foram extraídas as falas de maior importância e que mais se encaixavam no trabalho proposto.

3. Corpo, poder e indivíduo

A preocupação do indivíduo com o corpo não é um fenômeno atual e ronda as instâncias políticas, privadas, econômicas e sociais da sociedade. Apesar de neste trabalho considerarmos o corpo como um instrumento de comunicação, as feministas, ao realizarem ações exibindo boa parte do corpo nu, cometem o crime presente no Código Penal Brasileiro, art. 233, de *Ato obsceno*, que consiste em praticar um ato obsceno em lugar público, ou aberto, ou exposto ao público. Exemplos de atos considerados obscenos são a exibição de órgãos sexuais, dos seios (no caso das mulheres), das nádegas, prática de ato libidinoso em local público, entre outros. A pena para quem comete esse crime é a detenção de três meses a um ano, ou o pagamento de uma multa. É importante frisar que as manifestantes, ao saírem com o seio à mostra, cometem o mesmo tipo de crime daqueles que praticam um ato libidinoso, o qual é caracterizado pela conjunção carnal ou cópula vaginal, ou seja, pela penetração do pênis na vagina. O dispositivo da sexualidade, no entanto, adequa-se, de acordo com a situação, ditando o que pode e o que não pode. O carnaval, por exemplo, serve como uma ilustração que, mesmo em uma situação de suspensão da interdição sobre o nu do corpo feminino, há uma interdição “de que o corpo” pode ser exibido. Na ala das baianas, composta, preferencialmente, por senhoras e que não possuem um corpo dito “ideal”, é utilizado um figurino o qual não mostra o corpo. Já as passistas e rainhas de bateria, que são mulheres que têm um corpo escultural, apresentam-se com figurinos que mostram a sua forma e, muitas vezes, o próprio torso. Constata-se, assim, que um dos aspectos com maior relevo em torno do corpo é a sexualidade.

Em meio a uma civilização tão voltada para o desenvolvimento de imensos aparelhos de produção e de destruição, Foucault (2010), ao iniciar o seu estudo, levantou da obscuridade uma sexualidade que os discursos, os hábitos, as instituições, os regulamentos, os saberes traziam à plena luz. “Interrogar-se-á sobre o que pôde tornar-nos tão presunçoso; por que nos atribuímos ao sexo, contra toda uma moral milenar; a importância que dizemos ter [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 172). A maneira como essas manifestantes sujeitos deste estudo encontraram em se manifestar rompe, assim como fez o filósofo na época, com

a normatização dos discursos de comportamento e das leis vigentes, além de descobrirem uma nova forma de reivindicar pelas causas que defendem. Elas transgridem com o judiciário ao descumprirem a lei referente ao *Ato obsceno*; a civilização que gere o bom funcionamento da sociedade a partir da ordem imposta pelos dispositivos de poder; e do rompimento da padronização da indústria da beleza, já que muitas delas não se encaixam no corpo visto como o “ideal”. As manifestantes perceberam toda essa opressão que existe entorno da exibição pública da nudez, que começaram a utilizar-se dela para questionar, para lhe dedicar atenção e preocupação, para fazer a sociedade se indagar sobre a soberania de sua censura.

Essa estratégia como forma de chamar a atenção é um fenômeno atual e não era comum em ações de gênero. As estratégias foram se diversificando e se tornando mais complexa com o passar dos anos. Se pegarmos, por exemplo, o episódio conhecido como *Bra-Burning* (A Queima dos Sutiãs), ocorrido em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss America, na cidade de Atlantic City, nos Estados Unidos da América, notaremos, claramente, a diferença dos métodos utilizados anteriormente com os atuais. As manifestantes que participaram daquele acontecimento não chegaram a queimar os seus sutiãs, tampouco os tiraram do corpo, o que fizeram foi reunir, em uma lata de lixo, sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e sutiãs para serem queimados. A Prefeitura, contudo, não autorizou o uso de fogo. Essas transformações ocorridas no âmbito dos movimentos sociais se deram, dentre outras razões, devido a informatização e a globalização da sociedade que, atualmente, se organizam em rede.

4. Corpo como forma de mídia alternativa

Atualmente, são várias as ações de gênero que utilizam o corpo como instrumento de mídia alternativa. O presente trabalho, contudo, voltará a atenção para um movimento social, a *Marcha das Vadias*, mais especificamente a que acontece em Santa Maria (RS); e para duas ativistas independentes. Nos tópicos que seguem, é feito um breve contexto das ações que envolvem cada uma, oferecendo dados sobre sua composição, história e táticas de ação. Em seguida, são descritos os protestos em que elas utilizaram a nudez como mídia de protesto alternativa, bem como as causas que objetivam defender.

Conforme foi dito acima, a fim de explorar e aprofundar a utilização do corpo nesses ativismos, foram entrevistadas três integrantes: Luciele Oliveira, que falou em nome da *Marcha das Vadias*; a jornalista Nana Queiroz e a professora Daiara Figueroa. Sendo assim, todas as declarações apresentadas são fruto das entrevistas realizadas entre outubro e dezembro de 2014).

A *Marcha das Vadias* teve início em janeiro de 2011, na cidade de Toronto, no Canadá, como reação à fala de um policial durante uma palestra sobre segurança no Campus da Universidade York, que alertava para que “as mulheres evitassem se vestir como vadias, para não serem vítimas”. O primeiro protesto reuniu cerca de três mil homens e mulheres, e estes vestiram roupas de todos os jeitos, pintaram seus corpos e deixaram os seios à mostra e trouxeram cartazes com frases como “Meu vestido não é um sim”. Posteriormente, diversos países organizaram a *Marcha*, englobando, assim, mais de 200 cidades, sendo 30 no Brasil (HELENE, 2013).

A *Marcha das Vadias*, em Santa Maria, teve a sua primeira edição no dia 2 de junho de 2012 e naquela data reuniu cerca de mil pessoas de acordo com uma das organizadoras do protesto e representante da *Marcha* no presente trabalho, Luciele Oliveira - natural de Santa Maria (RS), possui 26 anos, é estudante de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (doravante designada UFSM) e atua na área de comunicação do coletivo; além disso, participa do Levante Mundial da Juventude (movimento social, politicamente ligado à esquerda).

A motivação de iniciar a *Marcha* na cidade surgiu depois que o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFSM convocou uma reunião com todos os movimentos existentes na Universidade. A partir daquele momento, aproximadamente quinze pessoas perceberam a importância de iniciar a *Marcha* no município. Além de criarem os protestos, as ativistas organizam festas com o objetivo de financiar os gastos do coletivo e participam de eventos que contemplem as questões de gênero. Organizam, ainda, oficinas de batucada, na qual as mulheres fazem os batuques e ensaiam as batidas que darão ritmo à marcha no dia da manifestação. Existem também as oficinas de cartazes e rodas de discussão abertas.

A jornalista Nana Queiroz, 33 anos, natural de São Paulo vive atualmente em Brasília, teve a ideia de promover no *FaceBook* a campanha *Não mereço ser estuprada*. Nana tirou a foto na frente do Congresso Nacional, em Brasília, depois que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (doravante designado IPEA) divulgou uma pesquisa na qual apontou que 65% dos entrevistados consideravam que as mulheres de roupa curta merecia ser estupradas. A jornalista postou a foto, no dia 28 de março de 2014, às 20h, junto com outras pessoas. A ação expandiu-se de uma maneira que, nos dias seguintes, aproximadamente 200 mil pessoas participaram do protesto. O que não se esperava, entretanto, é que a pesquisa havia sido publicada com os dados errados pelo IPEA. Na verdade apenas 26% concordavam com a frase “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Para tentar se retratar, o Instituto publicou, no dia 4 de abril de 2014, uma nota em que faz uma errata à pesquisa “Tolerância social à violência contra as mulheres”.¹ A nota publicada não impediu que a repercussão da campanha idealizada por Nana Queiroz ganhasse milhares de adesões.

Daiara Hori Figueroa, 36 anos, natural de São Paulo e que reside nos dias de hoje em Brasília, é professora e ativista independente. Já participou da *Marcha das Vadias*, da campanha iniciada por Nana Queiroz, além de trabalhar como modelo vivo representando questões feministas. As *performances* nuas que Daiara Figueroa realiza acontecem dentro de um evento de contextos artísticos. “As *performances* de rua, assim como as manifestações de nudez, partem do mesmo princípio de presença do corpo como meio de comunicação. É colocar o corpo da mulher como ele simplesmente é: sem véus, sem roupas e sem padrões”, ressalta Daiara Figueroa.

Todos os ativismos estudados nesta pesquisa utilizam a *performance* como estratégia de suas ações. A *Marcha das Vadias* e a campanha idealizada por Nana Queiroz as usam mais no sentido político. Encaixam-se também no que Stephen Farthing (2010) nomeia de “estratégia de guerrilha”, que é aquela em que as ativistas protestam de uma forma agressiva e não comportada. Enquanto isso, as *performances* realizadas por Daiara Figueroa é mais voltada para o lado artístico. Ela defende que a arte é um meio da linguagem para passar mensagens potentes que fogem da simples verbalização.

No livro *Tudo sobre Arte – Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos*, de Stephen Farthing, a autora ressalta que a arte performática originou-se dos eventos teatrais montados pelos artistas futuristas, dadaístas e surrealistas, no início do século XX. Esse tipo específico de arte representava a tentativa de esses pioneiros destruírem a distância entre o artista e o público.

As *performances* realizadas por Daiara Figueroa possuem uma ligação bem mais forte com essas *performances* vanguardistas, o que diverge das outras estudadas.

No próximo subitem algumas ações serão exibidas por meio imagético com o intuito de facilitar a compreensão. A professora Figueroa, no entanto, não possui muitos registros das *performances* que já realizou (apenas a que participou da campanha criada por Nana Queiroz e de uma *performance* indígena (Figura 1: Daiara Figueroa adere à campanha idealizada por Nana Queiroz)). Apesar disso, acreditamos ser importante utilizá-la como *corpus* investigado, pois se diferencia dos outros dois tipos de ativismo estudado.

1 Trecho da nota publicada pela IPEA: “Vimos a público pedir desculpas e corrigir dois erros nos resultados de nossa pesquisa Tolerância social à violência contra as mulheres, divulgada em 27/03/2014. O erro relevante foi causado pela troca dos gráficos relativos aos percentuais das respostas às frases “Mulher que é agredida e continua com o parceiro gosta de apanhar e – Mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Disponível em : http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21971&catid=10&Itemid. Acesso dia 31/10/2019.



Figura 1: Daiara Figueroa adere à campanha idealizada por Nana Queiroz

Fonte: Revista Época (2014).

5. Descrições do contexto das ações específicas

É notório que as manifestantes que participam desses atos se mostram, em geral, de uma maneira que contrasta com o estereótipo da feminista dos anos 1970 e 1980, caracterizada como séria, asséptica e nada erotizada. O termo feminismo é utilizado para caracterizar os movimentos sociais voltados para a luta pelos direitos das mulheres, com o objetivo de alcançar a liberdade da mulher e o fim das estruturas patriarcais. Segundo ALVES&PITANGUY (1991), no livro *O que é feminismo*:

O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. Que a afetividade, a emoção, a ternura, possam aflorar sem constrangimentos nos homens e serem vivenciadas, nas mulheres, como atributos não desvalorizados. Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder. (ALVES e PITANGUY, 1991, p. 9).

As causas defendidas pelas ativistas descritas no subitem anterior destoam um pouco umas das outras, mas todas se auto-intitulam feministas e pregam discursos semelhantes. A *Marcha das Vadias*, que acontece em Santa Maria, tem como eixo central a luta pela liberdade das mulheres, o fim do machismo e do patriarcado, da violência contra a mulher, e por uma sociedade em que as mulheres tenham os mesmos direitos que os homens.

Daiara Figueroa iniciou as primeiras *performances* nuas em prol de questões feministas devido a uma necessidade urgente de mudança com relação a algumas questões sociais. Além do seu inconformismo com o mundo que é desigual diante das relações de gênero.

No que diz respeito aos locais das ações, pode-se observar, por meio das entrevistas, que a escolha varia de acordo com o intuito pretendido, com exceção da *Marcha das Vadias* que faz sempre no centro de Santa Maria (Figura 2: *Marcha das Vadias* em sua primeira edição no centro de Santa Maria). Porque além de ser um local com boa visibilidade reúne pessoas de todas as classes sociais. “Por mais que a gente tenha vontade de fazer os protestos na periferia sabemos da dificuldade de realizar lá, principalmente pelo nome da *Marcha*, que é uma ironia e muitas pessoas talvez não entendam. Lá nós optamos por desenvolver atividades ao longo do ano, com mais calma, outra metodologia, pois as mulheres da periferia têm outro nível de compreensão”, diz Luciele Oliveira. Falando sobre as datas escolhidas, a *Marcha das Vadias*, na edição de 2012, pautou-se pelo calendário das *Marchas* das outras cidades, que ocorrem nos meses de junho e julho. Em 2013 aconteceu no período em que o Papa estava no Brasil. Em 2014 as organizadoras não se basearam nas datas dos outros protestos por conta da questão climática, já que os meses de junho e julho é um período de frio intenso na cidade.



Figura 2: *Marcha das Vadias* em sua primeira edição no centro de Santa Maria.

Fonte: Gabriela Belnhak (2014)

Deixar se fotografar em frente ao Congresso Nacional (Figura 3: Nana Queiroz em frente ao Congresso Nacional (BR) promovendo a campanha *Não mereço ser estuprada*), um dia depois do resultado da pesquisa realizada pelo IPEA, foi uma forma de Nana Queiroz dizer que aquela campanha não era só um gesto para a população brasileira, mas também para os líderes. O machismo, segundo a jornalista, está enraizado no Brasil porque os líderes não se preocupam em cuidar de uma educação e um Estado que dê assistência para a mulher se livrar de situações de abuso. Ela esperava uma resposta dos líderes, pois aquela pesquisa mostrava uma deficiência social, e uma deficiência social tem que ser corrigida também com atitudes do poder público.



Figura 3: Nana Queiroz em frente ao Congresso Nacional (BR) promovendo a campanha *Não mereço ser estuprada*.

Fonte: FaceBook (2014)

As *performances* realizadas por Daiara Figueroa acontecem em contextos artísticos, principalmente dentro de universidades, ou em lugares simbólicos, como foi o caso de um amamentação que realizou, em 2004, num local onde uma mulher tinha sido reprimida por amamentar em público. Em 2013, realizou uma ação de repúdio da tortura às mulheres, durante o Comitê Nacional da Verdade, na Praça dos Três Poderes (BR). Na ocasião, a professora fez um *video mapping* – técnica que consiste na projeção de vídeo em objetos irregulares – na estátua da justiça, no qual simulou uma tortura que incluía o estupro. Ademais, desenvolve *performances* que incluem pautas de liberdade da mulher, da proteção às indígenas (Figura 4: Daiara Figueroa e colegas em *performance* à favor das mulheres indígenas), e contra o machismo e o patriarcado.

Quando questionada, durante a entrevista, como é feita as escolhas das pautas de cada ação, Figueroa ressalta que não existe, o que se sobressai é a poética que nasce da natureza do artista. “Eu não escolho, mas posso ter motivações. A *performance* tem muito de improviso também. As coisas fluem ou travam naturalmente”, diz a professora.



Figura 4: Daiara Figueroa e colegas em *performance* à favor das mulheres indígenas.

Fonte: FaceBook (2014)

Quanto ao modo de como as ativistas agem durante as ações, todas as entrevistadas relataram ter uma postura séria e agressiva, mas atuam de forma pacífica. Elas acreditam que não há como protestar pela legalização do aborto, por exemplo, sorrindo, pois milhares de mulheres morrem por dia devido ao aborto clandestino.

Falando sobre o porquê das ativistas escolherem manifestar-se com pouca roupa e não da forma tradicional, Luciele Oliveira acredita que a questão do nu e da roupa curta é um contraponto social a questões concretas que dizem respeito à violência contra a mulher.

No artigo *O corpo “espelho do eu” – A exteriorização no processo de formatação da subjetividade contemporânea*, Bruno Thebaldi (2013) destaca a importância que o corpo exerce na sociedade:

O corpo é visto como um importante instrumento de medida e valor de si: a maior propaganda que temos de nós mesmos, podendo tanto dar mostras de sucesso de uma administração bem-sucedida, quanto de falhas e fracassos de um gerenciamento malconduzido. As atenções se voltam para as camadas superficiais da pele e o aspecto de cada um, isto é, à personalidade (Riesman, 1995), a qual, diferentemente do caráter, é bem mais maleável e adaptável. Em uma palavra, líquida. O corpo torna-se, pois, um objeto ou artigo que revela nossa subjetividade: um espelho do eu. (THEBALDI, 2013, p. 3)

A nudez feminina, extremamente explorada nas mídias convencionais como objeto de consumo, sendo o corpo feminino “apresentado como moeda de troca, um ‘patrimônio a ser negociado’. Beleza e a sedução regulada pela ‘ditadura da estética’” (BELELI, 2007, p. 3). Lopes (2005, p. 14) acrescenta, em *O Culto às mídias: interpretação, cultura e contratos*, que “deste modo, vendem-se simbolicamente automóveis, cigarros, cerveja, serviços bancários, planos de saúde, dentre outras mercadorias associando-os ao amor e à prática sexual”. Enquanto isso, se comparar a normatização do corpo feminino ao masculino nas propagandas midiáticas, é possível constatar a explícita distinção de gênero existente. De acordo com Beleli (2007, p. 202), “Ainda que as imagens de homens estejam também pautadas por um padrão de beleza, não é na beleza que se ancora a masculinidade, mas em padrões como sucesso no mercado de trabalho, conquistas econômicas, sociais e sexuais”.

As manifestantes de grupos feministas iniciaram a utilizar o corpo como instrumento de protesto a fim de chamar atenção para as causas às quais defendem e acreditam (Figura 5: *Marcha das Vadias* ocorrida em 2012 em Santa Maria). Sair às ruas, seminuas, ou nuas, atrai muito mais olhares, propagações nas redes sociais, aparições nas mídias, do que simplesmente levar cartazes.

Essas ativistas, no entanto, não estão preocupadas em estar dentro dos padrões exigidos pela sociedade, como ironiza Michel Foucault (1979, p. 78), em *Microfísica do Poder*, “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado”.



Figura 5: *Marcha das Vadias* ocorrida em 2012 em Santa Maria.

Fonte: Gabriela Benhak (2012)

mas na mensagem que querem passar, ou seja, não é o corpo pelo corpo, e sim o corpo como mídia. E é isso que se diferencia das exibições mostradas em revistas masculinas e sites pornográficos, por exemplo.

No momento que as ativistas atuam sem uma peça de roupa, lutando por seus direitos, muitas pessoas se escandalizam e retribuem com xingamentos. A estudante de jornalismo, Luciele Oliveira, ressalta que elas entendem como sendo uma manifestação por direitos, como contraponto a sociedade moralista, e de quebra de tabus, além de ser uma forma de dizer que o corpo é uma propriedade individual de cada uma e que a Igreja e o Estado não tem nada a ver com isso. “É algo que comunica, o corpo diz muito sobre isso. Se analisarmos o contexto histórico percebemos que as mulheres que queimavam sutiãs também eram tratadas como loucas e hoje reconhecemos que por causa delas muitos direitos foram conquistados. São questões políticas, pessoais e culturais”, declara Luciele Oliveira. O coletivo da *Marcha* defende que protestar com os seios aparecendo é encorajador e pedagógico, pois é uma ação de empoderamento da mulher. O espaço público foi negado durante vários anos para o gênero feminino, sair pelada, com várias mulheres, fortalece a classe. “Você se identifica com outras mulheres, [pautas temáticas] que são necessárias, empodera-se com seu próprio corpo, você dá um grito de basta. Precisamos ensinar os homens a aceitarem e não as mulheres a temerem”, finaliza Oliveira.

Já a decisão de Nana Queiroz em utilizar o corpo foi um pouco diferente de alguns protestos, a intenção foi dizer que seu corpo não era um objeto sexual o tempo inteiro. Ele era um objeto político naquele momento. O seu corpo nu é o objeto que ela quer que ele seja, é o objeto da sua intenção e decisão. “O corpo seminu na frente do Congresso era um gesto de dizer não importa que vocês digam que meu corpo é uma provocação, um objeto sexual. Eu que digo o que o meu corpo é. E, naquele momento, o meu corpo era protesto. Era político”, enfatiza Nana Queiroz.

Daiara Figueroa opta por realizar *performances* nuas porque faz sentido para ela. As roupas, segundo Figueroa, são a materialização de uma construção social para o corpo, e se livrar delas é questionar esses imperativos sociais.

Quando questionadas quais os maiores desafios, as entrevistadas relatam o medo de ser detida pela polícia e de apanharem, porque elas enfrentam os conservadores. Por outro lado, no entanto, são essas pessoas que as ativistas querem atingir e trazê-las para o diálogo. “Eu encaro esses desafios como coisas menores perante as conquistas que conseguimos. Nós vimos mulheres pela primeira vez falando que tinham sido estupradas e de como elas sentiam culpadas. Tivemos a oportunidade de dizer que não foi culpa delas”, comemora Nana Queiroz.

Luciele Oliveira ressalta uma cena, que aconteceu na primeira edição da *Marcha*, em Santa Maria, na qual, segundo ela, foi emocionante. As protestantes pararam em uma rua principal da cidade, onde tem muitas casas de prostituição, e começaram a ler a carta manifesto. Algumas mulheres que trabalham nessas casas aplaudiram, enquanto os homens, que estavam na rua, abaixaram a calça e mostraram o órgão sexual. “Tudo o que os homens querem é que a gente se descontrole, mas nós respondemos com a batucada, com o grito, com o seio de fora. É uma forma de dizer que, mesmo que mulheres apanhem, existem aquelas que seguem na luta firme e forte na rua”, declara Oliveira.

Após Nana Queiroz iniciar a campanha *Não mereço ser estuprada*, houve apoio de muitas mulheres. O lado negativo, no entanto, segundo Queiroz, durante a entrevista pelo *Whats App*, foi que a jornalista sofreu algumas ameaças nas redes sociais, inclusive ameaça de estupro. “Foi uma semana muito difícil pra mim, fui à polícia, fiz denúncias. Tive que mudar a minha rotina, incluindo parar de andar de bicicleta, andar sozinha. Fui amada e detestada ao mesmo tempo naquela semana”, aponta Queiroz.

Já Daiara Figueroa sempre é muito apreciada durante as suas *performances*, uma vez que as executa em espaços que circulam pessoas que apoiam este tipo de manifestação.

Como já mencionado, as feministas, ao protestarem com o torso nu, cometem o crime presente no Código Penal Brasileiro, art. 233, de *Ato obsceno*. As três entrevistadas, no entanto, não concordam que manifestar-se com pouca e/ou sem nenhuma roupa seja um atentado ao pudor. De acordo com Luciele Oliveira, as mulheres que estão com o seio à mostra, exigindo o seu direito, jamais podem ser punidas. O objetivo não é esse, envolve um assunto sério, e é muito maior que qualquer lei. Essa lei é utilizada para criminalizar o movimento. Quem está comprometido com a luta sabe que isso jamais é usado para ferir alguém, é um instrumento de luta, de comunicação com a sociedade. Mas a estudante não concorda com todos os casos de protestos nus. Ela critica, por exemplo, um ato realizado pela *Marcha das Vadias* no Rio de Janeiro, no qual foi caracterizado por pessoas nuas que introduziram objetos religiosos no ânus e na vagina (Figura 6: Integrantes da *Marcha das Vadias* protestam contra a Igreja, em Copacabana (RJ)). “Eu entendo que a igreja oprime as mulheres há anos e a gente tem que lutar pelo Estado ser laico. Dessa maneira, entretanto, elas não conseguiram dialogar com as mulheres que estavam presentes, que é o principal objetivo da *Marcha*. Elas não tiveram o mínimo cuidado com a luta construída por outras companheiras a nível nacional. Pensaram muito mais na questão individual do ato, e da radicalização pela radicalização, e não compreenderam a questão maior que é o diálogo com outras mulheres”, desabafa Oliveira.



Figura 6: Integrantes da *Marcha das Vadias* protestam contra a Igreja, em Copacabana (RJ).

Fonte: Facebook (2013)

Daiara Figueroa acredita que, de maneira geral, as manifestações que usam a nudez giram em torno do questionamento de fatores morais que são colocados em cima da nudez. “Da exibição da pele, da anatomia, de partes específicas da anatomia, inclusive no que se refere ao corpo da mulher, que é tudo aquilo que é ligado a sua sexualidade, como os seios e a vulva”, afirma Daiara Figueroa. Ninguém reclama aqui no Brasil de uma exibição de uma bunda de uma mulher, do ventre, dos braços, das pernas. A questão da nudez está voltada para pontos muito específicos da nudez feminina. O que é questionado é por que existe tanto tabu em cima disso, e o que leva a sociedade a dizer o que está certo ou errado. “O que significa esse pudor? De onde vem a noção de pudor que a sociedade impõe aos nossos corpos?”, indaga Figueroa. O pudor é um fator de moral social e existem muitas sociedades onde o corpo feminino é aceito de forma mais natural e respeitosa. O pudor não diz necessariamente quem exhibe o corpo, mas principalmente sobre quem o observa, tanto que o “atentado” seria ao pudor de outrem e não do próprio.

No que diz respeito às estratégias de divulgação, Luciele Oliveira conta que, após a *Marcha*, os meios de comunicação tradicional da cidade liberam uma matéria muito pequena. O *Diário de Santa Maria* (jornal que circula na cidade), por exemplo, publicou, em 2012, apenas uma nota e não discutiu tanto o assunto. “Mas como foi a primeira *Marcha das Vadias* na cidade eles receberam tanta carta dos leitores que foram obrigados a fazer uma matéria completa, e tiveram que procurar professores e especialistas”, confirma Luciele Oliveira.

A jornalista Nana Queiroz conta que para divulgar ela não fez absolutamente nada, apenas criou um evento para ela e mais cinco amigas no *Facebook*: “eu não faço a menor ideia de como aconteceu essa repercussão toda”, declara Queiroz. Os usuários do *Facebook* não só participaram como criaram uma relação de engajamento ao ponto de tirarem fotos da mesma maneira que Nana Queiroz,

demonstrando, assim, interesse pela causa. Nas fotos abaixo (Figura 7: Internautas participam da campanha *Não mereço ser estuprada*), pode-se observar esse engajamento por meio da expressão facial de cada integrante, na qual simula indignação.



Figura 7: Internautas participam da campanha *Não mereço ser estuprada*.

Fonte: FaceBook (2014)

Durante o processo de divulgação pela mídia, Nana Queiroz não se sentiu injustiçada pela imprensa, apenas poucos agiram de forma indelicada ao entrevistá-la. “Alguns detalhes os jornalistas erraram, como a cidade em que nasci, disseram também que poste a foto nas redes sociais e só depois várias mulheres postaram o que não é verdade. Eu convidei outras pessoas para postarem ao mesmo tempo em que eu, às 20h”, relata Queiroz.

6. Conclusão

Chega-se ao fim desse esforço de pesquisa com a conclusão de que são várias as instâncias, como o hospital, Estado, a medicina, escola, prisão, mídia, que normatizam o que é certo e errado em torno do corpo. O corpo feminino, contudo, sofreu mais repressão ao longo da história, e foi mais controlado por estas instâncias, tendo como causa principal a dominação masculina. Esse controle se dá, tanto pela associação da mulher ao papel de mãe, dos afazeres domésticos e procriação, quanto do estereótipo utilizado em campanhas publicitárias. Dessa forma, as manifestantes que saem às ruas com pouca e/ou sem roupa, vão de encontro a essa rede complexa de poder e quebram tabus enraizados desde há muito tempo na sociedade.

As mulheres que protestam nuas têm a consciência de que estão fazendo um processo de desconstrução dolorido, porque ao mesmo tempo em que lutam por causas que envolvem violência e estupro, também têm que lidar com a cultura moralista e conservadora. Além disso, elas estão sujeitas a sofrerem violência

verbal e física – durante as ações – por parte daqueles que não concordam com o que estão presenciando e, também, pela polícia que pode as deter com base no Código Penal Brasileiro, art. 233, de *Ato obsceno*. Outro fator destacado, e que muitas vezes passa despercebido, é a questão da proibição do torso nu feminino e a liberação do masculino. Segundo as entrevistadas, isso se deve porque alguém (é difícil culpabilizar uma instituição só, pois, como já mencionado, são várias as instâncias que normatizam a questão do corpo) definiu que se as mulheres saírem com os seios à mostra é considerado um atentado ao pudor. As perguntas que surgem nesse momento são: quem definiu que mostrar o seio feminino é um crime e o do homem não? Por que enquadrar a mulher que comete o crime na mesma lei daqueles que fazem sexo em lugares públicos? É possível constatar ainda, nas falas das entrevistadas, que elas estão cientes de que o corpo nessas atuações serve para comunicar as pautas reivindicadas e lutar por seus direitos – que vai ao encontro da proposta do trabalho, no qual considera o corpo como um instrumento de mídia alternativa em atuações de gênero.

Em casos do coletivos *Marcha das Vadias* e das duas ativistas independentes descritas, as redes sociais servem de complemento para divulgação das estratégias desenvolvidas. Constata-se, entretanto, as ações de ir às ruas, nuas ou seminuas, com os corpos ditos “não ideais”, a principal forma de reivindicar pelas causas em questão e chamar a atenção do público e da mídia convencional. É importante deixar claro que uma ação não substitui a outra.

Ao lançar o trabalho na empreitada de responder de que forma a utilização do corpo em manifestações pode ser considerada uma mídia alternativa, ou seja, uma nova forma de comunicação de protesto, compreendeu-se de maneira mais clara o que essas ativistas querem passar para a sociedade e o porquê de recorrerem a esse recurso, já que não foi encontrado nenhum referencial teórico que abordasse a utilização do corpo como mídia em ações de gênero. Desse modo, não sem prejuízos, o foco da investigação foi responder com base no que foi abordado pelas entrevistadas.

As ações estudadas atuam com discursos semelhantes, entretanto cada ativista realiza ações de acordo com a necessidade local e se organiza de forma distinta uma das outras, priorizando o que considera a maneira mais correta de protestar. O que se pode observar é que elas, enquanto ativistas, querem tornar o feminismo tolerável por toda a sociedade, mostrando que ele ainda se faz necessário nos dias atuais. A informação que o coletivo da *Marcha das Vadias* e das duas ativistas independentes querem passar é a de que existem sim direitos conquistados pelas mulheres. Mas há muitos outros que ainda estão longe de serem adquiridos e por isso é importante que a luta continue existindo. Ou seja, não é possível ser conivente com as desigualdades de gêneros que existem e acreditar que não há como mudar. As definições do que é “masculino” e o que é “feminino”, não importando o contexto, são padrões que existem há muito tempo, são construções sociais.



APÊNDICE 1

Roteiro da entrevista semi-estruturada:

1. Quando começaram os movimentos?
2. O que mobilizou as primeiras atividades?
3. É uma organização local, nacional, ou internacional?
4. Quais os ideais vocês defendem?
5. Quantas pessoas fazem parte do movimento?
6. Quais critérios vocês utilizam para escolher o local das manifestações?
7. E as datas?
8. Como vocês agem durante as manifestações?
9. Por que vocês escolhem manifestar-se com pouca roupa e não da forma tradicional?
10. Teve alguma situação de vocês serem detidas? Qual foi a situação? Do que vocês foram acusadas?
11. Como é a recepção de quem vê?
12. Quais os principais desafios encontrados ao realizar uma manifestação com pouca/sem roupa?
13. Quais estratégias vocês utilizam para divulgar a manifestação para as mídias?
14. Como o coletivo se comunica com o público?
15. Como é o processo de criação e produção dos materiais de comunicação? Todas participam?
16. Como vocês mobilizam as pessoas envolvidas?
17. Qual o tipo de ação que vocês fazem para dar visibilidade às manifestações?
18. Após a manifestação, como a mídia costuma passar os fatos ocorridos durante a manifestação? Geralmente é da forma como realmente é?
19. Você considera manifestar-se com pouca e/ou sem nenhuma roupa ser um atentado ao pudor?

BIBLIOGT

RAFIA



ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. O que é feminismo. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

BELELI, Iara. Corpo e Identidade na propaganda. In: Net, Florianópolis, janeiro-abril, 2007. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a12v15n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n1/a12v15n1.pdf). Acesso em: 12 nov. 2019.

BRUNO, Thebaldi. O corpo “espelho do eu” – A exteriorização no processo de formatação da subjetividade contemporânea. In: Sessões do Imaginário: Cinema, cibercultura, tecnologias da imagem (Online). Porto Alegre: ediPUCRS: v. 18, n. 30, set. 2013. pp 116-126. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/famecos/ojs/index.php/famecos/article/view/15206/11079>. Acesso em: 12 jun. 2019.

FARTHING, Stephen. Arte performática. In: _____. Tudo sobre arte. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. pp 512 – 51

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LOPES, Luís Carlos. O Culto às mídias: interpretação, cultura e contratos. São Carlos: EdUFSCAR, 2005.